Marco Teixeira

16 Dias de Ativismo pelo fim da Violência Contra as Mulheres

Homens e homens

Vigoram, na sociedade atual, ideias tradicionais acerca da constituição das famílias, do papel do homem e da mulher enraizados em funções definidas.

Leitura correta? Não sei.

Facto é que ainda se estranha/julga quando uma família/pessoa não segue estes padrões tradicionais.

Que podemos fazer? Abrir a mente!

Aceitar e respeitar que somos todos diferentes e que isso não é mau nem está errado, é simplesmente diferente.

Ideologia bonita, mas difícil de adotar (fui homofóbico, racista e inflexível).

Somos fruto da educação (valores), dos modelos e da exposição feita pelos Mídea.

Mas é necessário que as pessoas estejam dispostas a compreender os outros e a si próprias, concebendo que existem formas de ser e estar que fogem ao tradicional. E não há mal na diferença se houver respeito!

Para uma maior abertura, especificamente em homens, seres do sexo masculino (definido biologicamente pelos órgãos reprodutores), independentemente da orientação sexual ou do género, é necessário um espaço seguro, de exposição de ideias, conceitos, preconceitos e crenças, de partilha de particularidades que normalizem as diferenças, fomentando o respeito, livre de julgamento.

Recentemente, houve um Workshop de Roy Galán, intitulado "It's raining men, hallelujah? Repensar a masculinidade de maneira coletiva", inserido no festival "IMPROPRIA: MOSTRA DE CINEMA DE IGUALDADE DE GÉNERO", dedicado a homens.

Convidei amigos, surgindo resistência. Perguntei-lhes, *"o que é a masculinidade?"*. O que fiz eu? Gerou-se ali uma troca de opiniões, e eu calado.

Já no evento, a sala tinha uma mesa particular, com chocolates, aperitivos salgados e vinho.

Pensei eu, *"é mesmo à homem, vinhaça para o pessoal se soltar"*.

Servi-me de vinho e aguardei.

Surge Roy Galan, advogado, homossexual, orador calejado em igualdade de género, falando de si, de masculinidade, do que o diferenciava do dito normal.

Gerou-se um debate de opiniões e experiências, sem orador.

Um grupo de homens, com diferentes orientações sexuais e géneros a falar de ser homem, de comunalidades, particularidades e dificuldades, num tom de respeito sem julgamento.

Um evento de 90 minutos, durou 150.

Foi incrível ouvir pessoas tão diferentes de uma forma tão honesta e civilizada.

No jantar com os meus amigos, o assunto permanecia no ar com um humor característico ao ridicularizar o momento *"um jantar de homens, um jantar de masculinidade"*.

Pensei *"não surtiu efeito"*.

No dia seguinte, foram tomar café e juntei-me a eles.

Fiquei estupefacto, o tema da conversa era o workshop.

Afinal cumpriu-se o objetivo, pensaram no assunto.

Só assim se mudam mentalidades!

Humildemente creio que a mudança só é possível pela exposição a outras realidades e conceitos, por momentos de partilha e de normalização das diferenças, promovendo novos hábitos, mais ajustados e adequados à evolução dos tempos, principalmente para nós homens.

Mário Abrantes

Repugnante hipocrisia

Em simultâneo com a dispersão mundial a partir da África do Sul da variante Ómicron do coronavirus, foi apresentada, na passada segunda-feira,por sindicatos de enfermeiros de 28 países,incluindo Portugal, uma queixa na ONU contra a União Europeia e Reino Unido por bloquearem olevantamento das patentes (propriedade intelectual) para a produção massiva de vacinas contra a Covid-19.

Já o ano passado, na Organização Mundial do Comércio (OMC), a África do Sul e a Índia tinham pedido a suspensão das patentes, mas sem qualquer êxito.

Os enfermeiros acusam os países ocidentais, em particular a União Europeia e o Reino Unido de, ao rejeitarem a liberalização da produção de vacinas, estarem a ameaçar o direito das pessoas à saúde, a pôr em risco continuado a vida de centenas de milhar de profissionais de saúde espalhados pelo planeta, a comprometerem o combate eficaz contra a pandemia e a promoverem o surgimento de novas variantes a partir dos países mais pobres e com menor número de vacinados.

Efetivamente, 45% da população mundial ainda não recebeu sequer uma dose da vacina anti-Covid-19, enquanto muitos países ricos têm mais de 70% das suas populações imunizadas e já estão aplicando terceiras doses de reforço.

O que se está a passar no respeitante a vacinas, que para além do restoforam descobertas e construídas com fundos públicos europeus, não é mais que uma cega e totalmente desumana comercialização do direito à saúde. É certo que as consequências desse comportamento desumano e criminoso atingem sobretudo a parte mais pobre da humanidade,mas, tal como o mar devolve o lixo à terra, vir-se-ão a repercutir por muito tempo na segurança das pessoas dos países mais ricos. Tanto mais quanto mais tempo estes últimos demorarem a libertar as patentes industriais e comerciais das vacinas.

Sob comando de um diretório (a Comissão) de linha vincadamente neoliberal, constituído por pessoas não eleitas e que se sobrepõe à vontade de povos, países e governos, esta União Europeia (assim como o Reino Unido) pela sua intromissão para-imperialista em países como a Líbia, o Iraque, a Síria, a Etiópia, o Sudão ou República Centro-Africana, foi e continua a ser, apesar do recém engendrado bode expiatório da Bielorrússia e sempre agitando a bandeira dos direitos humanos, o principal responsável pela gravíssima e mortal crise da migração que assola hoje as fronteiras do Continente Europeu e do Reino Unido. Uma crise cujo resultado prático se tem traduzido num monumental ataque precisamente aos direitos pelos quais tanto se empenha em agitar bandeiras.

Enquanto a pandemia se prolonga e os seus heróis em combate, em nome do direito universal à Saúde, se unem para apresentar queixa à ONU pelo facto das patentes das vacinas não serem libertadas, autoproclamados guardiões do templo dos direitos humanos, o diretório da UE e o Reino Unido, estão mais uma vez a manifestara sua verdadeira natureza ao bloquearem essa saída para a vacinação mundial massiva, em nome de tão sacrossantos quanto moralmente duvidosos direitos industriais e comerciais dos seus grandes laboratórios e farmacêuticas.

E os governos portugueses, seja por inação, por submissão ou por convicção, estiveram e continuam a estar indelevelmente comprometidos com esta repugnante hipocrisia...